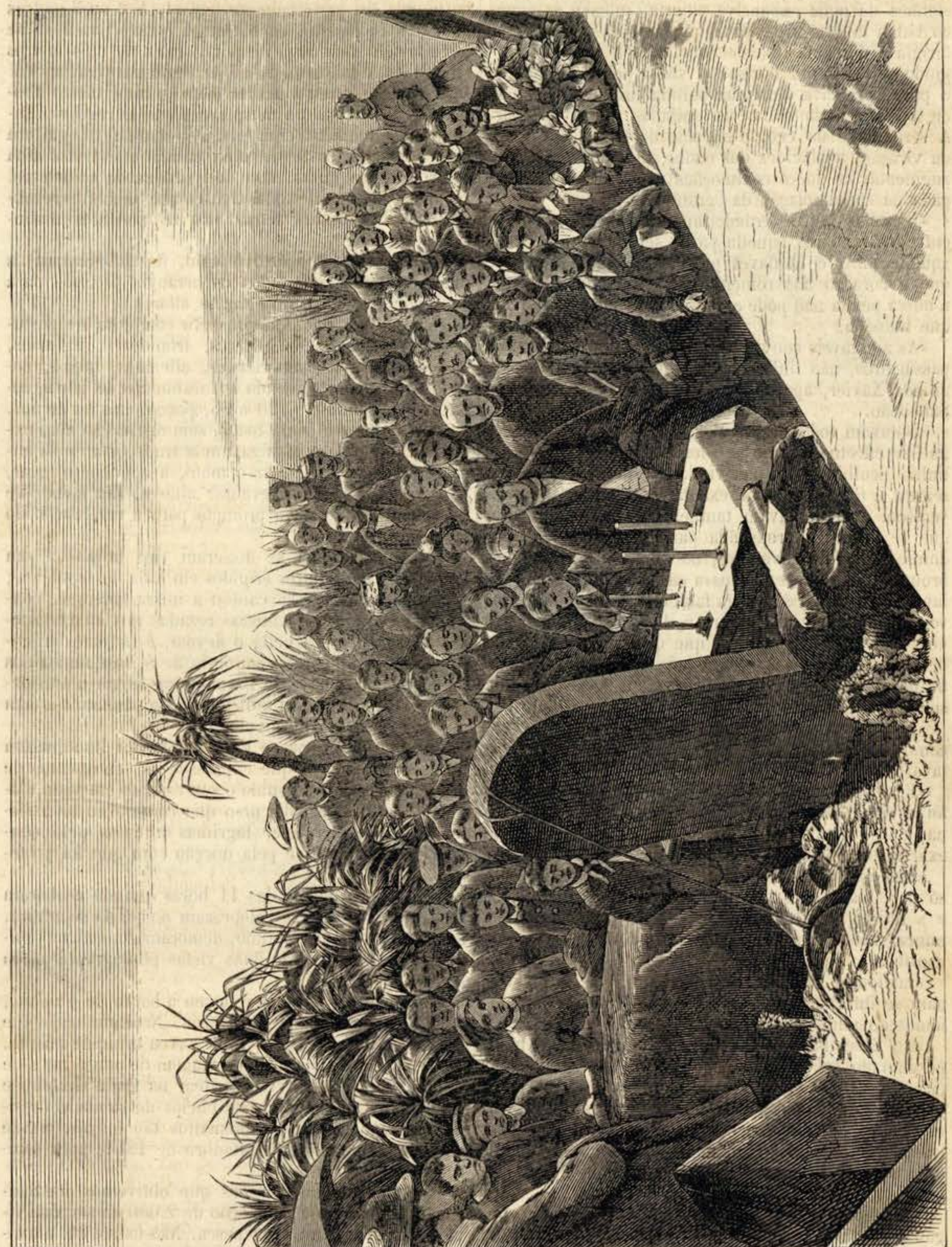


Logar da primeira sepultura de S. Francisco Xavier

Representa a estampa o logar na ilha de Sanchoão [1], onde primeiro foi sepultado S. Francisco Xavier. Foi tirada na occasião da visita dos romeiros que, em novembro do anno ultimo, alli se dirigiram, idos de Macau.

A lapida que se vê quasi ao centro é a que está gravada, com suas inscripções em chim e portuguez, a pag. 251 do vol. II d'este semanario, onde se lêem algumas noticias ácerca da morte do santo apostolo do Oriente, e do logar onde falleceu, bem como do tumulo que em Goa encerra hoje o seu corpo.

Um dos romeiros, que suppomos ser o rev. padre Joaquim José de Affonseca e Mattos, professor distincto no seminario de Macau, descreveu nos seguintes termos aquella notavel romaria, que tantas e tão gloriosas recordações historicas suscita do nosso antigo padroado do Oriente, e do zêlo dos nossos maiores pela dilatação da fé:

«Era pela meia noite do dia 19 de novembro de

[1] Veja-se a pag. 173 d'este vol. o desenho d'esta ilha.

1864, quando o vapor *Hankow*, levando a bordo cento e trinta romeiros, pouco mais ou menos, no meio dos signaes da mais expansiva alegria, sulcava as aguas da bahia de Macau, e dobrando a ponta de *Ka-hó*, se dirigia á desejada ilha de Sanchoão. A lua que, surgindo no extremo horisonte, subia pelo ceo azulado e puro, prateava com sua pallida luz, sempre cheia de poetica melancolia, as aniladas aguas do mar. A serenidade do ceo, o silencio da noite, a frescura da viração, a placidez das ondas, tudo concorria para augmentar as doces commoções da nossa alma, occupada na contemplação das grandezas divinas.

«N'esta occasião verdadeiramente solemne, reinava entre os romeiros aquella paz e serenidade da alma, aquelle puro e ineffavel prazer que a fé incute, e que o coração dos romeiros experimentou, mas que a nossa penna não póde expressar, porque é coisa mais que humana.

«As amigaveis conversas que travavam, ás vezes, os passageiros, não tinham outro thema senão a vida do grande Xavier, apostolo do Oriente, e a sua morte em Sanchoão.

«Notavam todos a singular coincidencia do dia em que se effectuava a nossa romaria com o que o santo tinha escolhido para sua vinda a estas terras em direitura a Cantão, que foi exactamente o dia 19 de novembro. Não deixavam tambem de notar que o dia que se seguiu á projectada partida do santo foi um domingo, 20 de novembro, no qual dia o santo celebrou pela ultima vez a missa em suffragio de um defuncto, e adoeceu d'aquella fatal enfermidade que o levou á sepultura; e este era o dia escolhido não por nós, mas pela Providencia, que queria honrar ao seu fiel servo com uma solemnidade commemorativa do ultimo acto da sua vida apostolica, e do principio da sua mortal enfermidade.

«N'estas considerações e affectos, as horas voaram como instantes, e já pelas 6 da manhã o vapor deitava ferro na bahia de Sanchoão.

«Eramos chegados á terra suspirada; mas qual não foi o nosso embaraço, quando entre tantos romeiros não encontrámos um só que soubesse indicar-nos com exactidão o sitio da sepultura?...

«Isto não era de admirar, visto que n'este seculo só por duas vezes se fez a romaria, uma em 1813, e a ultima em 1815; e desde então aquellas praias nunca mais foram visitadas pelos devotos do grande apostolo.

«Enviou-se então á terra um bote com 5 romeiros para se informarem sobre o logar da sepultura; e nós fomos do numero d'estes.

«Ao desembarcar encontrámos um china, o qual, perguntado se sabia da sepultura de um santo europeo ahi enterrado, havia 300 annos, respondeu-nos que existia, a pouca distancia do logar onde estavamos, uma sepultura que tinha uma lapida com uma inscripção européa. Offereceu-se-lhe uma remuneração, se elle quizesse mostrar aquelle sitio, ao que promptamente annuiu.

«Depois de andar alguns minutos pela praia, chegámos ás faldas de um oiteiro sobranceiro ao mar, do lado de N. E., que fecha d'aquelle lado a bahia. Subimos pela encosta, e a uma altura de 40 a 50 metros acima da praia, parou o nosso guia, e indicou-nos um logar, a pequena distancia, onde se divisava, por entre *pandoes* [1], uma lapida. Ahi corremos logo, e vimos que essa pedra era o padrão levantado em 1639, pelos jesuitas, em memoria de S. Francisco Xavier. Imaginem qual não seria a nossa alegria quando tivemos a certeza de ter encontrado a sepultura do santo!...

«O padrão estava quasi em posição vertical. Na parte dianteira, por ser mais exposta á intemperie do

[1] Certas cannas ou plantas.

tempo, apenas podémos decifrar a data em china, em quanto que, no reverso do padrão, a inscripção em portuguez era perfeitamente legivel. A 2 ou 3 metros distantes do padrão, encontrámos quatro paredes que circuitavam uma área de pouco mais de dois metros quadrados, e que cremos ser de alguma antiga capella. Mas o que pareceu singular é que a meio metro d'estas paredes havia um outro muro que as cercava. Encontrámos tambem uma pedra vermelha, a qual era evidentemente parte de uma lapida que tinha uma inscripção em china, com tres ordens de caracteres. Liam-se claramente duas letras que diziam «reconstruido»: as outras letras não as podémos distinguir [1].

«Depois de descoberto o sitio, desembarcaram os mais romeiros com todos os arranjos precisos para construir a tenda e levantar os altares.

«A comitiva dos romeiros era composta de portuguezes, hespanhoes, inglezes, irlandezes, italianos, francezes, chinas, americanos, allemães, indios, peruanos e armenios, sendo naturalmente de portuguezes o maior numero, 90 a 95, pouco mais ou menos.

«Era bello ver como todos, sem distincção nem excepção alguma, se afadigavam a transportar pela encosta as caixas, a cortar o mato, a aplainar o logar, a armar a capella e levantar altares. Em menos de uma hora tudo estava prompto para a celebração do sacrificio divino.

«Pelas 9 e meia se disseram tres missas a um tempo nos tres altares erigidos em roda do sepulchro; acabadas as quaes se cantou a missa solemne, continuando comtudo as missas rezadas nos altares lateraes. A musica era bella e devota, e as vozes argentinas dos meninos do seminario de S. José nunca nos pareceram tão suaves e harmoniosas como n'esta occasião. O sr. Antinori a dirigia, acompanhando-a com uma *serafina*, ou harmonio.

«Recitou o sr. padre Fancisco Xavier Rondina um breve discurso, em que expressou os sentimentos de que então estava possuido o seu espirito em vista d'aquelle santo logar, discurso que commoveu os assistentes, e fez derramar lagrimas a todos pelo convencimento intimo e pela uncção com que foi proferido.

«Era pouco depois das 11 horas quando acabaram as dez missas que se celebraram ao pé da sepultura. Fazia sol ardente; comtudo, demorámo-nos alguns minutos mais para tirar duas vistas photographicas do logar [2].

«Ao meio dia já todos estavam a bordo do *Hankow*, dando por terminada a romaria. Nenhum accidente nem desastre aconteceu; tudo correu tranquillamente.

«O vapor, depois de uma viagem de pouco mais de 6 horas de tempo, veiu fundear na Praia Grande, e os romeiros desembarcaram cheios de saudade do sitio em que passaram momentos tão felizes, n'esse abençoado dia 20 de novembro de 1864, para sempre memoravel.

«Segundo as informações que obtivemos em Sanchoão, ha na ilha a população de 2:000 almas, que vivem da agricultura e da pesca. Não existe ahi auctoridade alguma mandarina; quem governa as aldeias são os anciãos. Alguns habitantes da ilha com os quaes fallámos tinham perdido toda a tradição a respeito de S. Francisco Xavier; nem sequer tinham conhecimento das ultimas romarias feitas pelo bispo Chacim em 1813 e 1815, o que não tirava que tivessem

[1] Esta lapida foi provavelmente a que alli deixou o sr. bispo Chacim em 1813 sobre o sepulchro do santo; mas que foi alguns annos depois tirada e quebrada pelos chinas, apesar do respeito que tem aos tumulos em geral, e ao do santo em particular; porque, disseram elles, o dito bispo *amofinou* o logar, tapando com a dita pedra a saida á felicidade que lhes vinha do tumulo aberto. Isto contaram ha poucos annos em Macau ao rev. padre Rozario dois pescadores de Sanchoão.

[2] São as que reproduzimos n'este semanario.

grande veneração pelo tumulo do santo europeo [1]. A unica coisa que um d'elles disse relativamente á sepultura de S. Francisco Xavier, foi que tiveram muito juizo os que escolheram aquelle sitio para sepultura, porque era um local que tinha bello *Fom-xuei* [2], superstição esta muito arraigada entre os chinas, os quaes dizem ser tal a influencia do local da sepultura sobre a felicidade do espirito do defuncto e sobre o bem estar dos descendentes do mesmo, que julgam uma dita inapreciavel quando encontram um local com os caracteres e propriedades designadas pelos mestres de geomancia, como signaes certos de bom *Fom-xuei*.

«O dialecto usado em Sanchoão é o do districto de *San-neng*, algum tanto distincto do de *Heangxan*, que é o dialecto que se falla em Macau.

«O monte em que está a sepultura do santo chama-se, como ahi nos disseram os chinas, *Tai-hó-xan*, «muito bom monte.» A bahia tem o nome de *San-chau-tom*, «o tanque de tres ilhas,» e com effeito, ha n'um lado da bahia tres ilhas, não mui grandes. As outras duas ilhas que se acham na entrada da bahia chamam-se *Ping-chau*. A montanha que fica ao longe, mas exactamente fronteira ao sitio da sepultura de S. Francisco Xavier, chama-se *hachun*, corrente inferior.

«Terminaremos esta succinta narração transcrevendo a inscripção que o rev. padre Rondina fez gravar n'uma lapida de marmore, que foi collocada junto a uma das paredes que acima mencionámos. Eil-a:

耶穌會士泰西聖人範濟各沙未爾之故墓

I I╧I S

HIC. OB. ET CONDITVS. FVIT.

S. FRANCISCVS. XAV.

MAC. ET. P.P. SEM. S. IOS. E. S. I.

PATRONO. BENEMERENTI.

HVNC. TITVLVM. P.P.

XI. KAL. IVN. AN. MDCCCLXIV.

大清同治甲子年四月十七日衆會友立碑

«A data d'esta lapida (trabalhada e collocada gratuitamente por pedreiros chinas pagãos, mettendo até alguns d'elles empenhos para isso!) é de 24 de maio do corrente anno; porque estava determinado ser então collocada; mas isso não se pôde realisar, e foi collocada no dia 20 de novembro. Parece-nos a proposito fazer esta declaração para impedir por ventura futuras questões entre os devotos que nos succederem na romagem a Sanchoão.

«A traducção da inscripção china é a seguinte:

«Antiga sepultura do santo europeo S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus.

«Esta lapida foi levantada pelos seus correligionarios no dia 17 da 4.ª lua do anno *Chia-tzu* [1], reinando o imperador *Tum-chi*, da dynastia *Ta-chim*.

«Outrosim nos parece conveniente rectificar aqui um erro em que tem caido varios escriptores modernos, negando ou pondo em duvida que tivesse havido uma capella em Sanchoão junto ao primitivo tumulo do apostolo do Oriente. Além das ruinas que de tal edificio ainda alli existem (as paredes de que fallámos), temos seguras e decisivas auctoridades que comprovam a sua existencia, tanto no *Oriente Conquistado* (Conquista III, Dist. II, pag. 357), como na *Relação do estado das missões da China, apresentada em Roma ao rev. padre geral da Companhia de Jesus*, pelo padre Francisco Noel, da mesma Companhia; e bem assim n'outra *Relação* do padre Castner, citada nas *Cartas Edificantes*, vol. III, pag. 146; e sobre tudo na interessantissima carta do padre Fontaney para o padre La Chayse, confessor do rei de França [2]. Alli se vê que tanto o padre Hervieu como diversos outros jesuitas francezes disseram muitas vezes missa na dita capella no anno de 1701, tendo ella um anno de existencia, como um d'elles declara, e sendo promovida a sua fundação pelos jesuitas de Macau no anno de 1700.

O FOGO

(Vid. pag. 166)

V

ACÇÃO DAS REDES METALLICAS SOBRE O FOGO

Tomemos um bico ordinario de gaz, e accendamos a sua chamma; sobre esta chamma colloquemos uma rede metallica de malhas apertadas, contendo mais de 100 por centimetro quadrado de superficie (fig. 11); immediatamente veremos a chamma apagar-se na parte superior á rede, ficando a combustão apenas limitada á parte inferior; entretanto, o gaz continúa a passar através das malhas, tanto que, se chegarmos uma luz á parte superior da rede, veremos o gaz inflammar-se ahi.

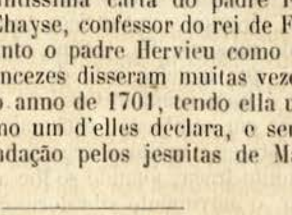


Fig. 11 — Interceptação da chamma por cima de uma rede metallica

Fechemos a torneira do gaz; a chamma extinguir-se-ha instantaneamente; se agora de novo a abrirmos, e collocarmos a rede a uma certa distancia do bico (fig. 12), o gaz passará através das malhas da rede, e podêmos inflammal-o na parte superior, obtendo assim uma chamma por cima da rede, e um espaço escuro por baixo, espaço cheio de gaz muito inflammavel e apto para a combustão, e que, entretanto, não arde, porque a rede metallica não deixa passar o fogo de cima para baixo.

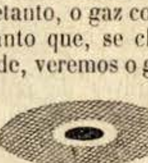


Fig. 12 — Interceptação da chamma por baixo de uma rede metallica

---

[1] Depois d'isto havermos escripto, soubemos que alguns de nossos companheiros de romagem fallaram com chinas que conservavam bem fresca a dita tradição, apresentando-se até um d'elles como neto do antigo guarda do sepulchro do santo, a quem o fallecido bispo D. Francisco de Nossa Senhora da Luz Chacim deu por muitos annos 4 patacas mensaes. A este china entregou o sr. Chagas um papel que já levava escripto na lingua do paiz, recommendando-lhe a guarda do logar, etc., com o que elle ficou mui satisfeito.

[2] A traducção litteral de *Fom-xuei* é vento e agua; mas é certo que o local de bom *fom-xuei* quer dizer terreno feliz, ou terreno favorecido pela natureza e pelos espiritos.

[1] Primeiro anno de cyclo 750.

[2] Vid. o vol. v. das *Cartas Edif.* pag. 211.

Qual será, pois, a razão por que as redes metallicas interceptam a chamma? qual será a causa d'este esfriamento que apaga o gaz? Para ver a causa d'este interessante phenomeno é preciso considerar o que é o calorico. Está hoje demonstrado que o calorico é um movimento vibratorio das moleculas dos corpos; movimento de uma enorme rapidez, e que se communica a um fluido universal muito subtil denominado ether, que penetra em todos os espaços, que está em contacto com todos os corpos e enche o universo; é este ether que transmitte as vibrações que constituem o calorico, e que, encontrando o nosso corpo, do seu choque contra os nervos resulta a impressão e sensação do calor. Quereis ter uma idéa da propagação das vibrações ou ondulações por meio do ether? Deitae uma pedra sobre a agua de um tanque, e vereis que a elevação da agua produzida pela pressão exercida pela pedra, se transmitte em todos os sentidos em circulos concentricos, que successivamente vão sendo maiores. Ha, porém, uma differença essencial, e é que a velocidade do movimento vibratorio do ether é immensamente maior.

Um gaz em combustão está animado de um movimento vibratorio muito energico, tendo, porém, uma massa muito fraca; quando se lhe aproxima uma rede metallica, o movimento vibratorio communica-se á rede; mas como o metal tem uma massa incomparavelmente maior que o gaz, o movimento d'este enfraquece, isto é, a temperatura baixa e o gaz apaga-se.

Nas minas de carvão de pedra ha frequentemente explosões devidas á inflammação do gaz proto-carbureto de hydrogeneo, que n'ellas apparece ás vezes, e que, misturado com ar em certas proporções, se torna explosivo pela acção de uma luz; d'aqui tem resultado grande numero de accidentes, que tem feito muitas victimas e dado logar á obstrucção das galerias das minas. Para evitar estas desgraças imaginou Davy revestir com redes metallicas as chammas das lampadas com que os mineiros se allumiam para se dirigirem no interior das minas. A fig. 13 representa uma lanterna de segurança; o ar para alimentar a combustão passa através de redes metallicas, e o mesmo succede aos productos que d'ella se evolvem; ainda que houvesse inflammação dentro da lampada, não se propagaria para fóra.

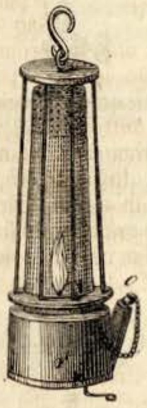


Fig. 13 — Lampada de segurança de Davy

Ultimamente, Dumas e Benoit inventaram uma nova lampada de segurança, que consta de um tubo de vidro de fórmas variadas, fechado hermeticamente, tendo dentro o vacuo feito em diversos gazes; fazendo passar através d'este vacuo correntes electricas desenvolvidas pelo apparelho de inducção de Ruhmkorff, obtem-se uma luz phosphorescente, cuja côr depende da natureza dos gazes e do vidro do tubo, e que serve para allumiar os mineiros. Esta luz é fraca; mas como é *fria*, ainda que se quebre o tubo, não communica o fogo, e não ha risco de explosão. O apparelho de Ruhmkorff, com um elemento de pilha electrica necessario para funccionar, é levado dentro de um sacco de coiro ás costas do mineiro.

Uma curiosa applicação das redes metallicas foi feita por Aldini em fatos para penetrar no fogo: um fato completo de rede metallica, comprehendendo uma mascara, todo forrado de amianto, ou mesmo de lã, permitte a um individuo assim vestido penetrar no meio do fogo sem risco de se queimar, porque o fogo não passa através da rede metallica; o que ainda offerece de mais notavel este apparelho, é que não sente suffocação alguma o individuo que assim vestido penetra no meio das chammas, o que parece ser devido a que o ar chega aos pulmões já muito frio. Não ha muitos annos que na praça do Campo de Sant'Anna, em Lisboa, tivemos occasião de ver um homem andar perfeitamente no meio das chammas de uma enorme fogueira, cujo calor incommodava os espectadores collocados sobre as trincheiras, a muita distancia.

VI

MISTURAS EXPLOSIVAS

Ha substancias que, misturadas em certas proporções, tem a propriedade de se inflammarem quando se lhes aproxima a luz, propagando-se a inflammação a toda a sua massa com extrema rapidez, produzindo-se uma combustão muito viva e rapida que desenvolve uma alta temperatura, que faz dilatar immensamente, e de um modo brusco, os gazes provenientes da combustão, produzindo-se assim a detonação. Vimos que a mistura do ar com o gaz proto-carbureto de hydrogeneo, vulgarmente conhecido com o nome de gaz dos pantanos, detonava pela aproximação de uma luz. O mesmo succede á mistura do ar com o bicarbureto de hydrogeneo, ou gaz de illuminação; assim, ás vezes ha accidentes a lamentar, devidos á formação d'estas misturas em logares onde ha perda de gaz pelos tubos do encanamento, e onde o ar circula com difficuldade; misturas que se inflammam quando passa uma luz por esses logares. Onde estes phenomenos se costumam realisar é nos sotãos, lojas fechadas, etc.; nas casas em que o ar se renova facilmente não ha risco algum. Na explosão d'estas misturas forma-se agua e acido carbonico.

O ar e o hydrogeneo, ou o oxygeneo e hydrogeneo, formam uma mistura explosiva em que o maximo de explosão tem logar quando se acham nas proporções de dois volumes de hydrogeneo e um volume de oxygeneo, formando-se a agua. Se diminuirmos a quantidade de ar, ou oxygeneo, diminue o poder explosivo da mistura, e a inflammação far-se-ha mais lentamente. Quando uma mistura explosiva tem pouco gaz combustivel, a propagação da inflammação faz-se lentamente, ou póde mesmo não se fazer estando os gazes em repouso; mas se estão em movimento, a agitação determina a propagação rapida da inflammação, e produz-se a explosão. A força expansiva da mistura do ar e gaz de illuminação foi aproveitada por Lenoir como motor na machina que tem o seu nome; n'esta machina, em logar de vapor, é uma mistura explosiva de ar e gaz de illuminação, que é introduzida alternadamente atraz e adiante do pistão de um cylindro, e que detona pela acção da faisca electrica produzida por um apparelho de inducção de Ruhmkorff. A machina de Lenoir trabalha sem bulha nem fumo, e quando se quer fazer marchar ou parar, basta abrir ou fechar a torneira do gaz. É a machina de Lenoir altamente vantajosa para pequenas industrias, não excedendo a força de tres ou quatro cavallos.

A mistura dos gazes chloro e hydrogeneo em volumes eguaes detona pela acção da luz, formando-se o acido chlorhydrico.

A polvora ordinaria é uma mistura explosiva for-

mada de salitre, enxofre e carvão, nas proporções geralmente de 75; 12,5; 12,5. Ardendo, produz uma grande quantidade de gazes com grande rapidez, e portanto, tendo uma grande força impulsiva, e com uma alta temperatura, e por isso uma grande força elastica, que é aproveitada para dar movimento aos projectis das armas de fogo e de artilheria. A força explosiva da polvora é devida á rapidez da combustão produzida pela grande quantidade de oxygeneo que tem o salitre. Em quasi todas as misturas explosivas entra um corpo que tem grande quantidade de oxygeneo, para alimentar uma combustão viva e rapida; assim, os corpos mais usados para preencher este fim são: o salitre, ou azotato de potassa, e o chlorato de potassa.

A polvora de assucar compõe-se de dez partes de chlorato de potassa e dez de assucar; é muito explosiva.

As misturas que tiverem phosphoro detonam pelo simples choque, porque este é sufficiente para inflammar o phosphoro, e, portanto, a mistura; por exemplo, a mistura de salitre, enxofre e phosphoro; a mistura do chlorato de potassa, assucar e phosphoro, etc.

A mistura do chlorato de potassa e enxofre, assucar ou polvora, faz explosão pela acção do acido sulphurico, porque este, actuando sobre o chlorato de potassa, desenvolve calor e luz.

Os fulminatos de mercurio, de prata, oiro, etc., conhecidos com os nomes de mercurio fulminante, prata fulminante, etc., são altamente explosivos, detonando com qualquer choque.

O mercurio fulminante é empregado na factura dos estalos, nas espoletas fulminantes de artilheria, nas capsulas fulminantes das armas portateis, etc. Para estes differentes usos modera-se a sua acção misturando-o com salitre, areia ou semea.

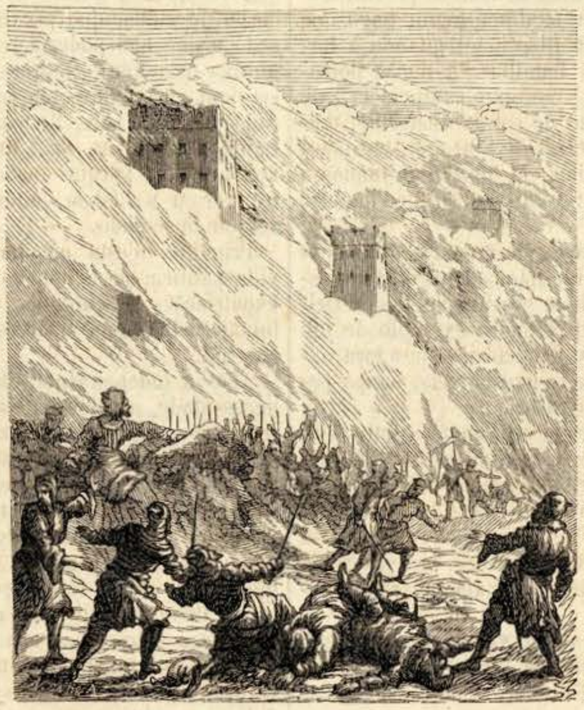


Fig. 14 — O fogo grego na campanha de S. Luiz, em 1249

O celebre fogo grego, usado muito antes do frade Schwartz ter inventado, ou antes divulgado o uso da polvora na Allemanha, segundo alguns historiadores, tinha a propriedade de arder debaixo de agua, e só se poder apagar com vinagre ou areia. Parece que foi em 673, no reinado de Constantino Pogonato, que Callinico, architecto de Heliopolis, inventou o fogo grego, com o qual, segundo os historiadores bysantinos, foi incendiada a esquadra arabe em Cysica. Considerada como segredo de estado, a preparação do celebre fogo foi conservada no poder dos gregos até á tomada de Constantinopla. Segundo uns, os turcos só fizeram uso do fogo grego pela primeira vez em 1218, no sitio de Damiette; mas, segundo outros, já muitos annos antes elle era empregado pelos exercitos sarracenos. Os historiadores bysantinos e o principe de Joinville, irmão de Luiz IX, rei de França, são as principaes auctoridades a consultar sobre este assumpto.

Conta Joinville, na sua chronica da guerra de Africa feita por Luiz IX em 1249, que, tendo os sarracenos que se achavam acampados do outro lado do rio Nilo, lançado em frente de Mansourah, por meio das suas machinas de guerra, grandes globos luminosos de fogo grego, todas as tendas, torres, e mais obras de madeira que os cruzados tinham construido, foram preza das chammas. Durante um dia inteiro, uma chuva de Gomorrha, caíndo sobre o campo christão, devorou bagagens, machinas, tendas, etc.; só a noite trouxe a tranquillidade; ao fogo já nada restava que devorar. Devemos, porém, observar que da narração de Joinville não consta que um fogo tão temivel fizesse victimas; pelo contrario, S. Luiz, o conde de Anjou, irmão do rei; o condestavel Humberto de Beaujeu; o conde de Poitier, e muitos outros cruzados, acharam-se envolvidos pelo fogo grego sem que fossem feridos ou queimados.

No sitio de Constantinopla por Mahomet, o fogo grego foi empregado juntamente com a artilheria. É difficil de conceber como uma coisa tão generalisada nos exercitos desapparecesse de repente, perdendo-se o segredo da sua composição. Assim, alguns tem supposto que o fogo grego era, com pouca differença, o mesmo que a polvora, por isso que, desde que se começa a fazer menção do uso da polvora nas guerras da edade média, deixa de se fallar no fogo grego. Com effeito, por meio da polvora se podem produzir os effeitos do fogo grego; assim, os foguetes de guerra, os foguetes ordinarios, as panellas de fogo, etc., produzem effeitos analogos aos que produzia o fogo grego lançado por tubos de canna contidos em tubos metallicos fixos, ou por tubos ligeiros lançados á mão, ou contido em vasos fechados que rebentavam.

Em quanto á inextinguibilidade do fogo grego na agua, que alguns tem considerado como fabula, a polvora não a possue. Não é hoje, porém, considerada impossivel uma tal propriedade, porque, para que uma composição tenha a possibilidade de arder debaixo de agua, o que é preciso é juntar a corpos muito combustiveis outros contendo grande quantidade de oxygeneo que alimente a combustão independente da presença do ar. Eis uma composição incendiaria que reune algumas das qualidades attribuidas ao fogo grego: Estopa, 4,8; nitro fundido, 3,3; enxofre, 1,6; camphora, 1,0; resina, 2,4; pez branco, 30,0; pez negro, 18,0; cebo, 7,2; oleo de linho, 2,4; polvora, 60,0.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

RECTIFICAÇÃO

A pag. 168, lin. 36, em vez de = sopra com a boca em (a), e o ar que sae pelo orificio (b) = deve ler-se = sopra com a boca em (b), e o ar que sae pelo orificio (a).

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 173)

III

Era Rodrigo apenas entrado nos primeiros annos da adolescencia, quando as aguias imperiaes, mais pelo prestigio do nome que pela vigorosa magestade do seu vôo, atravessaram as fronteiras de Portugal

até fundar o seu ninho, d'esta vez pouco afortunado, na antiga capital da monarchia. Fugíra a corte para o Brasil, com prudencia exaggerada, melhor disseramos desalento e covardia. Ficára orphã de governo a patria, acostumada desde seculos a cerrar as suas fileiras em redor dos seus monarchas e capitães, quando o sacrilego pé do invasor profanava o torrão portuguez, tão cioso da sua independencia e liberdade. Desatavam-se os vinculos que estreitam n'uma só communidade e n'um unico interesse nacional os cidadãos do mesmo estado. Os erros e os crimes de governos malevolos ou imbecis eram expiados com o opprobrio e a servidão dos seus vassallos, condemnados a acceitar, imbelles e humilhados, o jugo dos estranhos, sem ao menos haverem, com a resistencia gloriosa e com o sangue de seus soldados, honrado o infortunio da nação.

O invasor, sem poder ufanar-se com as preeminencias de vencedor, sujeitára facilmente um povo que vendêra sempre cara a sua liberdade, quando a fortuna lhe fôra adversa nas batalhas. A nação portugueza curvou-se inerme, e como que estupefacta, sob a espada de Junot. O brilho do sol de Austerlitz, doirando improvisamente as serras de Portugal, entibiára por algum tempo os espiritos, já quasi habituados a julgar synonymo Napoleão e a victoria, o imperio triumphante e a inevitavel servidão.

A nação, viuva do seu chefe, desamparada dos seus exercitos, tomada subitamente nas cadeias do conquistador, sem praças fortes e bem presidiadas onde estribar a sua defensão, deu o primeiro exemplo de um reino, outr'ora irrequieto e bellicoso, cair agora exanime, não diante das armas irresistiveis, senão perante o nome terrivel do invasor.

Assim como fôra inesperada e prompta a lethargia, assim foi subitaneo e impensado o despertar. Não havia exercito organisado. Armou-se o povo inteiro para o supprir. Das extremas do reino veiu o levantamento nacional lavrando para o interior. Não era possivel dar batalhas. Houve recontros, ciladas, pelejas accesas ora aqui ora acolá, onde surgiam as tropas imperiaes.

Coimbra, e principalmente a velha universidade, não eram para reclamar em seu favor a pacifica neutralidade da sua Minerva tutelar. Assim como nas eschôlas allemãs o enthusiasmo patriotico agitava a juventude contra a lava de ferro, que do volcão imperial das Tulherias se diffundia em torrentes pela Europa, assim na classica universidade de D. Diniz ao grito insurreccional respondeu a voz unisona da mocidade estudiosa. As lobas cederam o logar aos uniformes, as quietas meditações aos brios guerreiros e juvenis, os passeios descuidados pelas orlas do Mondego aos movimentos regrados da ordenança militar. A universidade estava convertida n'um arrayal. A corneta deixava em paz o sino universitario. A pacata e erudita Pallas, invocando a sua fórma varonil, pedia cultos como Bellona.

Rodrigo da Fonseca interrompeu os seus estudos para se alistar no corpo academico, que então se estava organisando.

Mostraram os academicos desde logo, em feitos de ousadia e de valor, como o brio e ardor de gente audaz e juvenil póde egualar no officio de soldado a diuturna experiencia e disciplina. Proveu-se ao governo da cidade. Elegeu-se junta que, em nome do principe regente, a administrasse. Em varias povoações que demoram mais ou menos comarcãs á cidade de Coimbra se restabeleceu, por intervenção dos academicos, o legitimo governo portuguez.

Tinha-se levantado logo das primeiras a cidade do Porto, instituindo a sua junta sob a presidencia do prelado. No Porto foi servir o corpo de voluntarios academicos, e n'elle encorporado Rodrigo da Fonseca.

Passado algum tempo constituiu-se o corpo de guias. Todos os seus officiaes subalternos foram escolhidos d'entre os voluntarios academicos. Rodrigo da Fonseca foi alli collocado como official, pertencendo, comtudo, ao regimento de infanteria n. 15, de que era commandante Luiz do Rego Barreto, o qual, com a sua amizade e protecção, favorecia o joven militar.

No corpo de guias continuou a servir Rodrigo da Fonseca, e n'elle fez todas as campanhas em que o exercito alliado levou diante de si, de victoria em victoria, as legiões de Napoleão até além do solo peninsular. Na sua carreira militar prestou Rodrigo da Fonseca bons e assignalados serviços, que lhe valeram sempre a estima e consideração dos generaes e commandantes sob cujas ordens havia militado.

IV

Terminada a guerra da peninsula, foi dissolvido o corpo de guias, que provisoriamente se tinha organisado e que não poderia ter destino na paz que se afigurava duradoira. Regressaram os officiaes que n'elle serviam aos regimentos em cujo quadro haviam figurado. Volveu, pois, Rodrigo da Fonseca Magalhães ao regimento 15, no qual não pôde, todavia, continuar activamente, porque razões de particular interesse o trouxeram a Lisboa, onde por muito tempo se conservou licenciado.

Principia n'esta epocha a primeira phase da sua vida politica, repartida entre perseguições, homizios, expatriações e trabalhos incessantes na empreza de fundar a liberdade e derrocar o edificio da velha monarchia.

Após a independencia da patria devia seguir-se, de necessidade, a reforma das instituições. Era pouco o resgatar-se dos ferros estrangeiros. Urgia tambem limar os grilhões domesticos, e arcar de frente com outras não menos prepotentes e ignominiosas tyrannias.

A revolução franceza tinha dois caracteres, que devemos conscienciosamente discernir: um francez, o outro universal. Illude-se quem pensar que o grande movimento de 89 fôra apenas a rebellião popular contra os desregramentos de um governo passageiro. Antes que a torrente se tornasse caudal e impetuosa, e minasse os fundamentos ao throno de S. Luiz, a revolução dos espiritos havia de muitos annos precedido a revolta das turbas insoffridas. Aquella poderosa manifestação politica que De Maistre dizia *ter um caracter satanico;* de quem Edmundo Burke, o mais eloquente dos seus adversarios, o orador mais imaginoso da tribuna ingleza, dizia, obscurecendo com a prevenção o seu espirito: «do tumulo d'esta monarchia assassinada saiu uma creatura informe, immensa, mais terrivel que nenhuma das que tem confundido e subjugado a imaginação dos homens. Hedionda e anomala, caminha direita ao seu destino, sem que a aterre o perigo, nem o remorso a detenha no seu triumpho»; esta revolução, que na criminosa ferocidade de seus caudilhos fazia do baptismo de sangue o signal visivel da regeneração social, era, todavia, nobre no seu fim, generosa nos seus principios, invencivel na sua propaganda intellectual. A revolução franceza no berço e no primeiro theatro das suas façanhas, era uma revolução universal e cosmopolita. «A revolução franceza, diz Alexis de Tocqueville, é uma revolução politica, que se assimilha nos seus processos e no seu aspecto a uma verdadeira revolução religiosa; não sómente se diffunde ao longe como estas, mas abre como ellas o seu caminho pela prégação e propaganda. Considerae que novo espectaculo não é uma revolução que inspira o proselytismo, e que é prégada com tamanho fervor aos estrangeiros, quanta foi a paixão que em França a produziu [1].»

A revolução teve, pois, uma face franceza e egoista;

[1] De Tocqueville, *L'Ancien Regime et la Révolution*, pag. 40.

outra cosmopolita e desinteressada. Como franceza, as hostilidades com que a Europa monarchica a recebeu, incitaram-n'a á guerra, á conquista, á dominação, em honra do pavilhão nacional. Como transformação cosmopolita, como religião politica, aspirou a fundar pela democracia a republica universal e a egreja temporal da humanidade.

Vêde a profundissima differença que vae de revolução a revolução. Antes de 89, houvera-as frequentes e parciaes em varios pontos da Europa e na America, umas submettidas, triumphantes muitas d'ellas. Uma revolução fundára a liberdade republicana nos cantões helveticos; uma revolução desmembrára da corôa de Inglaterra as suas mais ferteis regiões do Novo-Mundo; uma revolução cortára no cadafalso de Carlos I a serie dos reis britannicos, intercalando nas dynastias hereditarias a tyrannia de Oliverio Cromwell; uma revolução constituira a republica mercantil e maritima das Provincias Unidas; uma revolução precipitára James II do throno de Inglaterra, e fundára pelo *bill* dos direitos a moderna liberdade constitucional d'aquelle estado; revoluções todas sem echo e sem cortejo das nações; dramas intimos circumscriptos á área de um paiz; epopéas terriveis e gloriosas na historia nacional; quasi obscuros e imperceptiveis episodios da historia da humanidade. Só a revolução franceza saltou por cima das suas fronteiras, levou o seu espirito nas paginas dos seus pamphletos, nas vibrações sonoras da sua tribuna, nos canhões victoriosos dos seus exercitos, e mesclou a sua propria inspiração ao ambiente social de todos os povos. «A revolução franceza, accrescenta Alexis de Tocqueville, não teve territorio proprio; ainda mais, o seu effeito foi principalmente o expungir em certa maneira da carta das nações as suas fronteiras immemoriaes. Vimol-a aproximar ou dividir os homens a despeito das leis, das tradições, dos caracteres, das linguagens, fazer muitas vezes dos compatriotas inimigos, e tornar irmãos os estrangeiros. Acima de todas as nacionalidades particulares, a revolução instituiu uma patria universal, em que todas as nações e todos os homens poderam inscrever-se como cidadãos [1].»

A revolução dera rebate em quasi todos os paizes europeus. O influxo das idéas e o contacto das armas contribuiram, cada um pela sua parte, á participação nas esperanças populares que a revolução alimentava nos povos opprimidos e humilhados pelos desmandos do poder absoluto. A propria Hespanha dava um dos mais singulares espectaculos durante a lucta grandiosa da sua independencia. Occupado o seu territorio pelas tropas invasoras, sentado no throno de Carlos V um principe da familia Bonaparte, arrebatado o seu rei natural para o encerro e captiveiro em terras de França, empenhada a nação inteira em sacudir o jugo estranho, a Hespanha reunia os seus representantes e abria as portas ás instituições politicas da revolução, e em quanto com uma das mãos brandia a espada para manter a integridade do territorio, com a outra assignava em Cadix a constituição democratica, tomando por mestra nas idéas a mesma França que desdenhava por soberana.

Em Portugal haviam entrado tambem furtivamente os principios da revolução; mas foram acolhidos apenas como doutrina philosophica pelas classes mais illustradas, que muitas vezes expiaram nas perseguições, nos exilios e nos carceres, o seu assentimento ás modernas fórmas sociaes. Os *jacobinos* haviam sido sempre considerados como traidores. E não era, certamente, indesculpavel o povo, quando, gemendo sob a oppressiva dominação dos seus soberbos invasores, votava a execração e o exterminio aos que, perfilhando as idéas francezas, pareciam a seus olhos applaudir por esse facto a perda da liberdade nacional.

[1] De Tocqueville, *L'Ancien Regime et la Révolution*, pag. 39.

Terminada a guerrra, repellidos e sujeitos os inimigos, haviam ficado no paiz as sementes da revolução. Muitos dos homens eminentes que depois vieram a figurar nos successos politicos de Portugal desde 1820, eram então mancebos, e nos seus animos principiára a influir com intensidade proporcionada ao verdor dos annos e ao enthusiasmo juvenil, a fermentação que surdamente agitava a Europa inteira.

Não era o estado do paiz o mais accommodado a aquietar os espiritos e a contental-os simplesmente com as doçuras da paz geral, que os olhos mais perspicazes poderiam adivinhar como trégoas passageiras e equilibrio momentaneo.

A corte continuava a residir na antiga colonia do Brasil, que ia crescendo e prosperando em quanto a metropole, agora sua possessão ultramarina, apressava a sua manifesta decadencia. Uma regencia, cujo vigor governativo se resumia na intolerancia e no ciume do poder; um general estrangeiro governando o exercito e exercendo pela influencia militar o verdadeiro proconsulado; a fazenda exhausta após os esforços quasi sobrehumanos de uma guerra diuturna; a administração eivada de vicios seculares e exacerbados pela incuria do governo; accresciam, nos espiritos illustrados e irrequietos, ao desejo da liberdade, e afervoravam as tentativas de reformar as instituições politicas da nação.

As opiniões liberaes eram, posto que com recato, já largamente professadas em Portugal. Se o povo, que vem sempre na retaguarda das grandes innovações, apesar de tão queixoso e aggravado, não pensava em levantar-se contra as tradicionaes instituições de seus maiores, as classes illustradas agitavam-se, ainda que em segredo, e era facil de ver que muitos annos não poderiam decorrer sem que alguma violenta commoção fosse acordar do seu lethargo a descuidosa corte do Brasil.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.

UM NOIVADO EM VARSOVIA

QUADRO DA EMANCIPAÇÃO DOS POLACOS

I

Chovia neve sobre Varsovia, em triste noite. Parecia tecer um sudario para cobrir aquelle cadaver. Tudo o que reina n'um sepulchro, reinava alli: frio, silencio e solidão. Passavam de vez em quando, por suas ruas desertas, cavalleiros em mesquinhos cavallos, os tartaros, como aves de rapina que se precipitam nos antros.

Brilhava, todavia, no meio de tanta desolação, uma esperança de vida, uma aspiração de amor, uma d'essas flores que brotam d'entre as juncturas dos sepulchros. Via-se em sala espaçosa uma joven que ajustava, ao espelho, a alva coroa de larangeira. Era a coroa de desposada que mandára fazer para a noite seguinte, noite de seu noivado.

A joven contava vinte annos apenas. Compridas tranças loiras caíam-lhe nas costas como raios de luz. Resplendiam-lhe, como ceo limpido, os olhos azues tintos de melancolica felicidade. Através da tez via-se-lhe circular o sangue. Era tão alta, tão elegante, tão esbelta, que podia similhar, pela amplidão da fronte, pelo espherico da cabeça, pelo azul carregado dos olhos, pelo nariz aquilino, pelos pronunciados labios, pelo collo altivo e a postura magestosa, a estatua que representava o genio da sua patria, que representava a Polonia.

Tenho para mim que esses povos escravos costumam dar ao mundo, no meio dos tormentos, formo-

sas filhas, nascidas das mais sublimes e dolorosas inspirações.

Não vos lembraes d'aquellas formosissimas filhas de Israel que tangiam as harpas, debaixo dos salgueiros de Babylonia, que confundiam as lagrimas com as aguas do rio estranho, e que desarmavam com a belleza os perseguidores da sua nação?

II

A joven deixou a coroa de larangeira, depois de se ter convencido de que lhe estava bem, e correu a uma janella como para observar se alguem que esperava vinha já.

N'aquelle instante viu passar, envolvido entre as refegas do vento e os remoinhos da neve, um esquadrão de cosacos, que vociferavam da Polonia e a amaldiçoavam.

Retirou-se a joven horrorisada, e assentou-se machinalmente ao piano. Deixou cair desesperada a cabeça no peito, e percorreu as teclas com os dedos. O instrumento produziu uma melodia profundamente triste, uma d'essas melodias que são o chôro de uma geração, a elegia da alma de um povo inteiro.

Appareceu immediatamente na porta um ancião encurvado e vacillante, que pronunciou com horror estas palavras:

— Que fazes? Não sabes que essa melodia, esse cantico de nossos paes póde custar-nos a vida?

— É verdade, meu avô, replicou a joven, é verdade: não temos patria.

— Acredito que sim, disse o ancião; mas tambem acredito que este povo, apedrejado hontem como Santo Estevão, dilacerado hoje como Lazaro, ainda tem esperança.

— Onde está?

— Em Deus, respondeu o ancião.

— E quando nos ouvirá Deus?

— Quando hajamos desarmado a sua colera com o martyrio.

— Ainda ha de ser maior o martyrologio! — exclamou a joven.

Duas grossas lagrimas correram por seu rosto como dois amargos rios de dores. O ancião baixou a voz e disse:

— Ainda temos esperança, porque tratâmos só de guerras... Que amor é possivel quando abraça um cadaver? Para que devemos gerar, se gerâmos um escravo? Maldito o coração que ao seu amor egoista sacrifica o amor da patria; maldito o seio que alimenta filhos para que o tyranno os devore. Provavas o teu véo de noiva. Infeliz! As filhas da Polonia nasceram em um sudario. O seu berço é um sepulchro. Que deve ser o seu leito nupcial?

E o ancião desappareceu.

III

Depois de ouvir estas palavras, ficou Maria como attonita e muda. Em poucos instantes, porém, recuperou o animo, e dirigiu-se a um quadro da Virgem que se via na parede principal da sala.

— Minha mãe, disse ajoelhando, minha mãe, ouvi-me! O navegante, quando as nuvens empanam as estrellas, quando o vento agita as vagas, e quando o furacão ruge, invoca-te, e tu ouvel-o; o ceo torna a brilhar com as suas estrellas esplendentes, o mar dorme tranquillamente como um menino, o furacão transforma-se em brisa suavissima, as velas do baixel rizam-se como as azas de uma ave, e o navio chega ao porto sem avaria. Por que, por que não has de soccorrer um povo que naufraga em um mar de sangue? As nossas casas são pantheões; os nossos leitos sepulchros; os altares das tuas egrejas mangedoiras dos cavallos tartaros; os teus filhos despojos do seu furor. Anniquila-se este povo; submerge-se em um mar de fel, e, quando a voz lhe falta, levanta para ti, implorando auxilio, as suas mãos requeimadas e ensanguentadas. Padecemos já o supplicio da cruz. Dormimos já longamente o somno da morte no cimo do nosso Calvario. Pois não ha de chegar a hora da resurreição para este Christo dos povos?

IV

Foi interrompida a oração pela presença de um mancebo, que suava apesar de trazer o gorro de pelles e o capote coberto de neve.

Maria levantou-se e correu ao seu encontro.

Era impossivel que podesse haver na Polonia par mais bello. Ambos moços, ambos loiros, ambos altos; os dois de olhos azues e tez alva, os dois parecidos, com a differença de que elle tinha a força e a austera formosura do varão, e ella a graça, a delicadeza e a formusura, que Goethe considera como o ideal feminino — juntaram as mãos, os olhos, o alento e as almas.

Reinou por instantes o silencio infinito que nenhuma phrase humana poderá expressar, o silencio religioso, que foi sempre a sublime eloquencia do amor. Se aquelle extase se prolongasse em toda a dilatação dos tempos, seria a bemaventurança celeste.

A electricidade de dois olhares que se juntam em um desejo; o choque de duas almas que se confundem em uma idéa; a harmonia de dois corações que batem unisonos; o aroma de dois suspiros que se exhalam; a união de duas vidas indissoluvelmente ligadas como alma e o corpo, como o olho e a retina, como o peito e a respiração — isto é o amor.

Para que não dizel-o? O amor é sempre egoista, sempre; é o egoismo sublime da mocidade, a concentração da vida em si mesma, como para tomar força, dilatar-se, estender-se em novos entes. Como disse o mais sublime dos poetas modernos, o amor é o egoismo de dois. Para elle não ha, nos seus instantes de arrebatamento, nem patria, nem humanidade; ha só elle proprio: a terra é o espaço que o ente amado habita, e a humanidade está compendiada no mesmo ente.

E eis por que Maria esqueceu, n'aquelle momento, as palavras do ancião, a tristeza de sua alma, a patria anniquilada, as vociferações dos tartaros, a sua oração á Virgem, e as suas lagrimas; não via a terra no ceo do seu amor, compendiado nos olhos azues do amante, onde se lhe reconcentrára a alma.

(Continua) EMILIO CASTELAR.

THEMAS CLASSICOS

Quantas vezes vêmos que onde ha mais riquezas ha menos virtudes; onde mais letras mais soberba; onde mais vida e saude mais peccados; onde mais amigos mais escandalos; e onde mais privilegios mais insolencias?

Era um cego, mas virtuoso; alcançou vista por orações, não sabendo o que pedia; e d'alli por diante foi perverso. Era pobre, mas humilde; melhorou de fortuna, e peorou de costumes.

Saul, antes da coroa, era innocente como um menino de um anno; se o quereis ver corrompido, vêde-o rei.

Bem sabemos que o prodigo não o foi senão depois de alcançada a legitima. Assim tambem muitas vezes, o mesmo é repartir Deus comnosco seus dons, que dissipal-os nós vivendo mal.

P. MANUEL BERNARDES.